

*Campinas em perspectiva*



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

PAULO CESAR MONTAGNER

Coordenador Geral da Universidade

FERNANDO ANTONIO SANTOS COELHO



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO

DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN – FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES

IARA BELELI – MARCO AURÉLIO CREMASCO – PEDRO CUNHA DE HOLANDA

SÁVIO MACHADO CAVALCANTE – VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ-LÓPEZ

*André Luiz Paulilo e João Paulo Berto*  
(org.)

*Campinas em perspectiva*  
*Memória e cultura de uma cidade*  
*paulista (1774-2024)*

EDITORIA  
UNICAMP

C156      Campinas em perspectiva : memória e cultura de uma cidade paulista (1774-2024) / organizadores : André Luiz Paulilo e João Paulo Berto – Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2025.

1. Campinas (SP). 2. História local. 3. Memória coletiva. 4. Sociedade civil.  
5. Patrimônio cultural. I. Paulilo, André Luiz, 1975-. II. Berto, João Paulo, 1989-. III. Título.

CDD – 980.41  
– 908.1645  
– 907.2  
– 306.2  
– 306.46

ISBN 978-85-268-1738-8

---

Copyright © by André Luiz Paulilo e João Paulo Berto  
Copyright © 2025 by Editora da Unicamp

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas  
neste livro são de responsabilidade dos autores e não  
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.  
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,  
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Editora associada à



Direitos reservados a

Editora da Unicamp  
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar  
Campus Unicamp  
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil  
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728  
[www.editoraunicamp.com.br](http://www.editoraunicamp.com.br) – [vendas@editora.unicamp.br](mailto:vendas@editora.unicamp.br)

# Sumário

Apresentação – Memória da cidade e celebração .....	9
<i>André Luiz Paulilo e João Paulo Berto</i>	

## PARTE 1 – Economia e Política

Capítulo 1 – Economia cafeeira: auge, declínio e transmutações.....	19
<i>Maria Alice Rosa Ribeiro e Renata Bianconi</i>	
Capítulo 2 – Escravidão em Campinas, século XIX: percepções políticas e conflitos sociais .....	51
<i>Regina Célia Lima Xavier</i>	
Capítulo 3 – Partido Republicano e eleições em Campinas: uma experiência partidária na crise da Monarquia.....	71
<i>Antônio Carlos Galdino</i>	
Capítulo 4 – A indústria em Campinas, 1920-2017 .....	89
<i>Michel Deliberali Marson</i>	
Capítulo 5 – A onça e o Síncrotron: uma metrópole no interior .....	113
<i>Ulysses Cidade Semeghini</i>	

## PARTE 2 – Cultura e Educação

Capítulo 6 – O catolicismo em Campinas: da freguesia de Nossa Senhora da Conceição à criação do Bispado – chaves de leitura historiográfica .....	133
<i>Pe. Rafael Capelato</i>	

Capítulo 7 – Música oitocentista em Campinas nos acervos do Centro de Memória-Unicamp e do Museu Carlos Gomes .....	165
<i>Lenita Waldige Mendes Nogueira</i>	
Capítulo 8 – Campinas Imperial e as iniciativas educacionais em fins do século XIX.....	187
<i>Munir Abboud Pompêo de Camargo</i>	
Capítulo 9 – Práticas de educação física em escolas de Campinas na primeira metade do século XX .....	213
<i>Edivaldo Góis Junior, Rafael Stein Pizani e Diego Ferreira Lima</i>	
Capítulo 10 – O Grupo Vanguarda e a renovação do circuito artístico de Campinas nos anos 1960: intercâmbios, ações e premiações .....	235
<i>Maria de Fátima Morethy Couto</i>	
Capítulo 11 – Foto-Cine Clube de Campinas: contribuições para o debate sobre celebrações e lacunas na memória visual e na história da fotografia de Campinas .....	263
<i>Sônia Aparecida Fardin</i>	

### PARTE 3 – Espaço Urbano

Capítulo 12 – De perto e de longe: a mobilidade de pessoas no processo de construção da cidade de Campinas .....	289
<i>Paulo Eduardo Teixeira</i>	
Capítulo 13 – A configuração arquitetônica de Campinas nos anos 1930 e 1940.....	319
<i>Silvia Amaral Palazzi Zakia</i>	
Capítulo 14 – Transformações da paisagem urbana de Campinas no século XX .....	353
<i>Maria Silvia Duarte Hadler</i>	

### PARTE 4 – Serviços Urbanos

Capítulo 15 – Os cemitérios e as práticas fúnebres de Campinas .....	387
<i>Antonio Carlos Rodrigues Lorette</i>	

Capítulo 16 – Matadouro Municipal de Campinas: modernidade e interesse privado.....	405
<i>Ana Maria Reis de Goes Monteiro</i>	
Capítulo 17 – Trabalhadores e filantropos na Santa Casa de Misericórdia de Campinas.....	441
<i>Matheus Alves Albino</i>	
Capítulo 18 – Escolas à vista: memórias em pedra, cal e papel.....	465
<i>André Luiz Paulilo</i>	

## PARTE 5 – Sociabilidades Urbanas e Associativismo

Capítulo 19 – Associativismo negro em Campinas: uma breve apresentação das associações de homens de cor (1900-1930).....	501
<i>Willian Robson Soares Lucindo</i>	
Capítulo 20 – Campinas do século XX: movimentos sociais, questão social e cidadania.....	525
<i>Doraci Alves Lopes</i>	
Capítulo 21 – Migrações internacionais em Campinas: do século XX aos dias atuais.....	553
<i>Natália Belmonte Demétrio e Rosana Aparecida Baeninger</i>	

## PARTE 6 – Memória e Patrimônio

Capítulo 22 – Vila Industrial: de bairro operário a patrimônio ambiental urbano da cidade de Campinas.....	587
<i>Ana Aparecida Villanueva Rodrigues</i>	
Capítulo 23 – A salvaguarda do Jongo Dito Ribeiro na Casa de Cultura Fazenda Roseira em Campinas.....	615
<i>Alessandra Ribeiro Martins</i>	
Capítulo 24 – Monumentos campineiros .....	633
<i>Josemar Antônio Giorgetti</i>	
Sobre os autores.....	655





## APRESENTAÇÃO

# *Memória da cidade e celebração*

*André Luiz Paulilo  
João Paulo Berto*

No momento em que a cidade de Campinas completa dois séculos e meio, pensamos em reunir estudos sobre os mais diferentes aspectos de sua história para interessar ao mais diversificado público possível. Trata-se de uma edição que resulta da investigação de ângulos variados do passado da cidade e propõe percebê-los a partir de uma perspectiva interdisciplinar. Especialmente empenhada em misturar e imbricar diferentes práticas de interpretação, esta publicação envolve esforço particular de compilação de estudos. Ocupa-se da política, da economia, da cultura, da educação, da sociabilidade, da memória e do patrimônio local. Mas é, sobretudo, um convite para transitar por entre os diferentes territórios disciplinares e periodizações.

A valorização do passado das cidades é, desde fins do século XX, uma tendência generalizada no mundo e tem animado iniciativas como esta de fazer da celebração de uma efeméride a ocasião para pôr em nova perspectiva a história e a memória do lugar onde habitamos. Mauricio de Almeida Abreu analisou essa tendência no Brasil como reflexo de uma mudança significativa entre nós.<sup>1</sup> De acordo com sua percepção:

Depois de um longo período em que só se cultuava o que era novo, um período que resultou num ataque constante e sistemático às heranças vindas de tempos antigos, eis que atualmente o cotidiano urbano brasileiro vê-se invadido por discursos e projetos que pregam a restauração, a preservação ou a revalorização dos mais diversos vestígios do passado.<sup>2</sup>

A ideia central de Mauricio Abreu é a de que essa valorização do passado gerou uma demanda constante pela memória dos lugares, especialmente das cidades. Abreu fala em memória do município para relacionar um estoque de lembranças a uma base material precisa, a um determinado lugar.<sup>3</sup> Dife-

rentemente do urbano, que tem como referencial o abstrato e o geral, a cidade diz respeito ao concreto e ao particular. Nesse sentido, o autor defende que não basta analisar a atuação dos processos sociais no espaço, também é necessário compreender o ambiente onde ocorrem.

É necessário reconhecer, primeiramente, que cada lugar é, ao mesmo tempo e em cada momento histórico, o ponto de interseção de processos sociais que se desenvolvem em diversas escalas. Alguns desses processos são puramente singulares e podem ser explicados em nível das realidades locais. Outros, entretanto, só podem ser compreendidos se ampliarmos a escala de análise para níveis hierárquicos superiores, sejam eles a região, o Estado-nação ou mesmo o planeta. Entender como esses processos se entrecruzam sincrônica e diacronicamente num determinado lugar é, portanto, o primeiro passo para a recuperação da memória das cidades.<sup>4</sup>

As preocupações de Abreu envolvem a geografia com a contextualização “das formas morfológicas então produzidas pela sociedade e a relação que elas tiveram com as normas e com os processos sociais que lhe deram origem”.<sup>5</sup> Importante para a análise das relações que há entre processos gerais e aqueles puramente singulares é a atenção simultânea da história *no* e *do* lugar. Aleida Assmann pensa sobre a memória dos locais do mesmo modo que Abreu se ocupa da memória das cidades: a partir dessa força vinculativa entre tempo e espaço. Assmann, no entanto, especifica um pouco mais a singularidade dos locais memorativos por meio de uma topografia dessas forças de vinculação:

A força vinculativa dos lugares está fundamentada de modo muito diversificado: no caso do local geracional, essa força repousa sobre uma cadeia de parentesco entre viventes e falecidos; no caso dos locais memorativos, ela repousa sobre uma narrativa resgatada e legada adiante; no caso de locais da recordação, sobre um mero interesse histórico de caráter antiquário; e, no caso de locais traumáticos, sobre uma ferida que não quer cicatrizar.<sup>6</sup>

De fato, Assmann distingue os locais geracionais dos memorativos, dos espaços de recordação e dos traumáticos. Do primeiro tipo são aqueles ambientes dotados de uma ligação fixa e duradoura com histórias de família. Do segundo, lugares que oscilam entre ser um local de temor sacro e um local histórico da memória na luta entre comunidades de recordação adversárias. De outra categoria, as áreas de recordação atraem o olhar curioso do antiquário ou a atenção para si mesmas como símbolos representativos. Por fim, os locais traumáticos são aqueles em que o sofrimento

assumiu caráter exemplar e, por essa razão, adquirem um valor de destaque na memória nacional e histórica.

As distinções feitas por Assmann contribuem para o entendimento das sobreposições da memória que os locais podem portar. Assim, de suas análises, pode ser depreendida uma série de práticas que vinculam tempo e espaço nas memórias locais. Tanto a literatura, as reivindicações de posse ou a construção de monumentos sobrescrevem a memória cultural, quanto a conservação de locais de memória histórica, o turismo, o culto às relíquias e as viagens de peregrinação a corroboram. Assmann tem presente, entretanto, que, diferentemente de monumentos, memoriais ou rituais honoríficos, a memória dos locais não se dissolve e, a despeito de quaisquer simbolizações, eles continuam sendo o que são.<sup>7</sup> Conforme explica, “ao passo que significações culturais vão sendo erigidas e derrubadas, a persistência dos locais [...] torna obrigatório o estabelecimento de uma memória de longa duração”.<sup>8</sup>

No momento em que Campinas completa dois séculos e meio de fundação, tanto as reflexões de Assmann quanto as preocupações de Abreu propõem fazer da efeméride uma oportunidade para voltar a pensar algumas singularidades dessa cidade. Ainda que sem se ocupar de toda a topografia das forças de vinculação entre tempo e espaço, indicadas por Assmann, quisemos reunir estudos sobre diferentes aspectos da história e da memória do município. Também sem relacionar perfeitamente os processos gerais e os singulares necessários à contextualização “das formas morfológicas produzidas pela sociedade” que preocupavam Abreu, pensamos sugerir uma perspectiva panorâmica de diversos itinerários possíveis da história *em e de* Campinas.

A organização desta publicação foi animada pela ideia de convidar os leitores e as leitoras a refletir a respeito das muitas mudanças do espaço habitado, vivido e sentido desde os fins do século XVIII. Trata-se de uma compilação de textos sobre variadas perspectivas da história de Campinas, que, ao modo de um painel, reúne as interpretações de pesquisadores e pesquisadoras de diferentes áreas do conhecimento. Com o objetivo de articular análises sobre a sociedade e os costumes, a arquitetura e o urbanismo, a economia e a cultura material, a arte, a educação e a religião que têm Campinas como tema e objeto de estudo, este livro não abrange tudo. Como é característica de publicações assim, privilegia determinadas perspectivas, periodizações e temáticas em detrimento de outras. Entretanto, poderá conferir o leitor e a leitora, compila pesquisas variadas e interdisciplinares suficientes para atestar a multiplicidade de questões que envolvem a *memória* de uma cidade.

A começar pelas considerações de Abreu e Assmann, outras poderiam servir ao propósito da apresentação desta publicação. O estudo da cidade, do local e do urbano, tem, nos trabalhos de Stella Bresciani e Isabel Marson, roteiros bastante seguros de análise, afiançados por expressiva produção historiográfica e pela bem-sucedida criação da linha de pesquisa “Cultura e cidades” e do Centro de Estudos da Cidade (Ciec).<sup>9</sup> Acerca de Campinas, o professor José Roberto do Amaral Lapa, fundamental na organização do Centro de Memória-Unicamp CMU, foi orientador profícuo de monografias sobre o tema. Em seu livro *A cidade, os cantos e os antros*, foi capaz de incorporar os marcos temporais e a estrutura factual estabelecida em escritos anteriores de, por exemplo, Jolumá Brito, Celso Pupo e Julio Mariano à historiografia acadêmica. Já as dissertações que Amaral Lapa orientou, sobretudo, exploram aspectos da economia cafeeira, do colonato e da imigração em Campinas. Mais recentemente, João Miguel de Godoy e Lilia Medrano somaram ao tema preocupações com a reprodução de uma memória de Campinas como cidade em permanente modernização.<sup>10</sup>

[...] desafio que nos parece pertinente ressaltar é a necessidade de reconstituir uma periodicidade para a história de Campinas destacando os momentos de ruptura, exacerbação ou declínio do processo regional. A partir dessa nova periodização, poderemos definir as etapas da história campineira pelas diversas experiências, sejam internas ou externas. Nesse sentido, assumem um papel importante os arquivos locais cujos acervos contribuirão para a incorporação de novas temáticas, novos objetos, novos problemas.<sup>11</sup>

O Centro de Memória-Unicamp mantém um acervo desse tipo e organiza o estudo de Campinas através das linhas de pesquisa “Cidades, memórias e sensibilidades” e “História econômica e social de Campinas e do Oeste Paulista”. Em continuidade ao trabalho pioneiro de estruturação de um centro de documentação e pesquisa da história regional interdisciplinar, iniciado por Amaral Lapa, o Centro de Memória permanece um espaço útil ao trabalho de renovação da historiografia local. Assim, também na articulação entre as práticas e os discursos materializados no chão das cidades, através da produção econômica, das instituições sociais e políticas e das manifestações culturais, podem-se, a exemplo de Abreu, Assmann, Lefebvre, Bourdieu, Certeau ou Lussault, entre tantos mais, localizar as preocupações de diferentes áreas do conhecimento.<sup>12</sup>

Depois, além da perspectiva que organiza esta coletânea, a periodização também tem características específicas. Dos dois séculos e meio desde a

fundação de Campinas, o período entre 1870 e 1970 é francamente privilegiado aqui em relação ao século XVIII, à primeira metade dos Oitocentos e à passagem do século XX para o XXI. Essa concentração obriga a reconhecer que foi dada atenção especial às instituições e práticas que afiançaram a passagem do rural para o urbano nas representações oficiais da cidade. Os melhoramentos do município, as instituições de sociabilidade e a expressão arquitetônica dos esforços de então para redefinir as relações da sociedade com os valores urbanos expressavam ideais de civilização e modernidade que não escapam aos estudos sobre esse período. As reflexões sobre Campinas que alcançam o século XVIII ou que se concentram no terço inicial do XIX, embora em menor quantidade, são igualmente abrangentes. Contribuem para a compreensão de aspectos econômicos, urbanos, político-sociais e culturais da história da cidade com estudos aprofundados da economia cafeeira, da escravidão, da mobilidade urbana e da música. Já as análises que, partindo do século passado, alcançam o século XXI têm na discussão do patrimônio seu eixo principal de articulação. Entretanto, a estrutura industrial contemporânea da região de Campinas, os movimentos sociais e as migrações também são temas que contam com investigações aprofundadas de questões do nosso tempo presente.

Mesmo considerando essas aproximações que o recorte cronológico permite fazer, o agrupamento dos capítulos se deu em seis seções temáticas. A primeira parte reúne em cinco capítulos as contribuições de Maria Alice Rosa Ribeiro e Renata Bianconi, Regina Xavier, Antônio Galdino, Michel Marson e Ulysses Semeghini em torno do tema “Economia e política”. A segunda parte é composta de outros cinco capítulos e, em torno do tema “Cultura e educação”, agrupa as reflexões de Rafael Capelato, Lenita Nogueira, Munir Abboud Pompêo de Camargo, Edivaldo Góis Jr. com Rafael Stein Pizani e Diego Ferreira Lima, Maria de Fátima Couto e Sônia Aparecida Fardin. A terceira parte traz mais três capítulos que têm o “Espaço urbano” como principal foco. Essa parte reúne as reflexões de Paulo Eduardo Teixeira, Silvia Amaral Palazzi Zakia e Maria Silvia Duarte Hadler. Mais quatro textos, agora a respeito do tema “Serviços urbanos”, constituem a quarta parte deste livro. Nessa seção, Antonio Carlos Rodrigues Lorette, Ana Maria Reis de Goes Monteiro, Matheus Albino e André Luiz Paulilo ocupam-se de processos e instituições tipicamente urbanas da cidade de Campinas. Outros três capítulos constituem a quinta parte, dedicada a reflexões sobre as “Sociabilidades urbanas e o associativismo”. É de algum aspecto dessa temática que tratam os capítulos elaborados por Willian Robson Soares Lu-

cando, Doraci Alves Lopes e Natália Demétrio com Rosana Baeninger. Por fim, a sexta parte é destinada ao tema “Memória e patrimônio” e conta com mais três capítulos que são as contribuições de Ana Aparecida Villanueva Rodrigues, Alessandra Ribeiro Martins e Josemar Antônio Giorgetti.

Entre autores e organizadores, estamos nós que, a partir das atividades de comemoração dos 250 anos da cidade de Campinas promovidas pelo Centro de Memória-Unicamp, organizamos esta publicação, a qual só foi possível graças às contribuições de cada uma das autoras e de cada um dos autores. É preciso reconhecer que a variedade de temas e a abrangência das análises resultaram de um consórcio de esforços de pesquisadores e pesquisadoras das mais diferentes áreas e instituições cuja atenção a Campinas tornou possível reunir. Obra coletiva, portanto, que buscou historiar diferentes aspectos da história da cidade. *Campinas em perspectiva: memória e cultura de uma cidade paulista (1774-2024)* também quis continuar a trilha aberta por José Roberto do Amaral Lapa no Centro de Memória-Unicamp para o fomento de estudos sobre Campinas. Nesse sentido, o título da publicação preferiu assumir que, para organizá-la, nos beneficiamos enormemente dos vínculos do CMU com a cidade e seus temas e, especialmente, daquelas pessoas todas que se apressam em trabalhar “enquanto a memória tiver um lugar neste globo distraído”.<sup>13</sup>

Sobre as muitas mudanças do espaço habitado, vivido e sentido, Abreu e Assmann, mas também e, sobretudo, Le Goff e Nora, entre tantos outros, fizeram ver que elas se associam às transformações do recordar e do esquecer.<sup>14</sup> Na forma como foi proposto e organizado, este livro celebra o lugar que a memória e suas transformações têm nas discussões sobre Campinas. Dessa perspectiva, confiamos em disponibilizar para leitura não exatamente a celebração de uma efeméride da origem da cidade, mas a possibilidade de relativizar o presente em sua pretensão de ter um caráter absoluto.<sup>15</sup> Esperamos que este livro faça interagir história e memória, servindo ao balanço do próprio leitor e da própria leitora entre a busca da verdade que rege uma e o voto de fidelidade que governa a outra.<sup>16</sup> Ao menos enquanto, como advertiu Shakespeare, a memória tiver um lugar por aqui.

## *Referências bibliográficas*

- ABREU, M. de A. *Escritos sobre espaço e história*. Rio de Janeiro, Garamond, 2014.
- ASSMANN, A. *Espaços da recordação: formas de transformações da memória cultural*. Campinas, Editora da Unicamp, 2011.

- BOURDIEU, P. “A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região”. *O poder simbólico*. 3. ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000, pp. 107-132.
- BRESCIANI, M. S. *Da cidade e do urbano: experiências, sensibilidades, projetos*. São Paulo, Alameda, 2018.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano*. 13. ed. Petrópolis, Vozes, 2007.
- GODOY, J. M. T. de & MEDRANO, L. I. Z. de. “Perspectivas e desafios para uma história de Campinas”. *Campinas: visões de sua história*. Campinas, Átomo, 2006, pp. 11-26.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas, Editora da Unicamp, 2003.
- LEFEBVRE, H. *Espaço e política*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2008.
- LUSSAULT, M. *Hyper-lieux: les nouvelles géographies de la mondialisation*. Paris, Seuil, 2017.
- MARSON, I. A. “Qual o lugar da história local? Percursos e potencialidades do tema e do problema”. In: PAULILO, A. L. & HADLER, M. S. D. (org.). *História local & memória: política, cultura, identidades*. Campinas, Centro de Memória-Universidade Estadual de Campinas (CMU), 2020, pp. 33-82.
- NORA, P. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. *Projeto História*, vol. 10, 1993, pp. 7-28.
- RICCEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, Editora da Unicamp, 2007.

## Notas

- <sup>1</sup> Abreu, 2014.
- <sup>2</sup> *Idem*, p. 27.
- <sup>3</sup> *Idem*, p. 43.
- <sup>4</sup> *Idem*, p. 45.
- <sup>5</sup> *Idem*, p. 50.
- <sup>6</sup> Assmann, 2011, p. 359.
- <sup>7</sup> *Idem*, p. 360.
- <sup>8</sup> *Idem*, p. 359.
- <sup>9</sup> Ver Bresciani, 2018; e Marson, 2020.
- <sup>10</sup> Godoy & Medrano, 2006, pp. 20-21.
- <sup>11</sup> *Idem*, p. 22.
- <sup>12</sup> Além de Abreu, 2014, e Assmann, 2011, ver ainda: Lefebvre, 2008; Bourdieu, 2000; Certeau, 2007; e Lussault, 2017.
- <sup>13</sup> Shakespeare *apud* Assmann, 2011, p. 261.
- <sup>14</sup> Ver Le Goff, 2003; Nora, 1993.
- <sup>15</sup> Assmann, 2011, p. 438.
- <sup>16</sup> Ricœur, 2007, p. 507.





PARTE 1

## *Economia e Política*

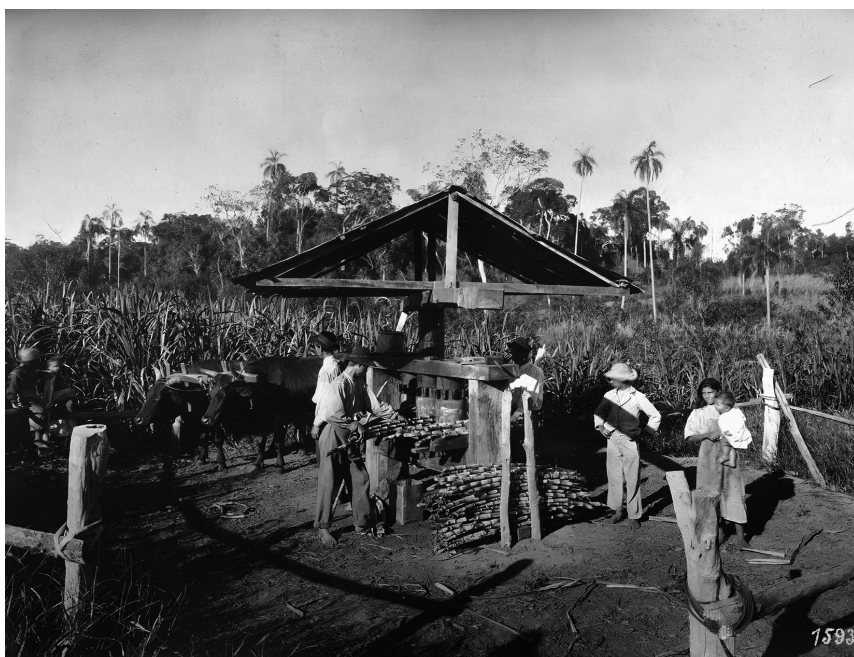


Imagem 1.1: Núcleo Campos Salles – engenhoca de canna. Entre 1900 e 1909. Atual cidade de Cosmópolis (SP). Fonte: Conjunto Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo – Centro de Memória-Unicamp.



## *Economia cafeeira: auge, declínio e transmutações*

*Maria Alice Rosa Ribeiro  
Renata Bianconi*

Uma data de aniversário, redonda, especial, 250 anos. O momento nos convida a visitar a história da cidade de Campinas. Reler os almanaques, examinar os inventários, perscrutar os diários dos viajantes, buscar o sentido das coisas e analisar com atenção os textos dos historiadores que nos antecederam e os dos tempos atuais.

Neste capítulo, pretendemos contar um pouco da história econômica e social de Campinas. Uma sociedade em constante mutação, que passou por diversas formas no seu modo de produzir e de estabelecer as relações entre os moradores do campo e da cidade, de onde retiravam o sustento para viver. Campinas ora voltou-se para a produção somente de alimentos para abastecimento doméstico e regional, quando ainda era apenas um pouso de passagem de viajantes e tropeiros para as minas de Goiás; ora produziu alimentos para consumo interno e açúcar para exportação, tornando o núcleo urbano denso, com inúmeras atividades. Com o açúcar, adquiriu autonomia. Deixou de ser freguesia de Jundiá (1774) e foi elevada a vila de São Carlos em 1797. Aos poucos, integrou-se à economia cafeeira nacional, mas sem abandonar totalmente o açúcar e as lavouras de alimentos. Com o café, Campinas foi elevada a cidade com o nome que ostenta hoje.

Na segunda metade do século XIX, a produção cafeeira para o mercado internacional passou a predominar sobre outros setores econômicos e orientou a diversificação dos negócios e das ocupações urbanas inter-relacionadas à exportação de café: casas comissárias, meios de transporte, ferrovias, fábricas de máquinas de beneficiamento e implementos agrícolas e obras de infraestrutura urbana. Na implantação, na expansão e no auge da produção cafeeira, Campinas seguiu escravista e dominada pela grande propriedade e pelos grandes plantéis de cativos. Na década de 1870, converteu-se no prin-

principal produtor de café, com o maior número de escravizados da província de São Paulo, suplantando os municípios do Vale do Paraíba paulista.

O presente capítulo tem por objetivo acompanhar o movimento de implantação, auge e declínio da economia cafeeira e a transformação de Campinas em uma sociedade de múltiplas nacionalidades e desigualdades sociais, ex-escravizados, libertos, africanos e imigrantes. O declínio da economia cafeeira levou ao fracionamento da grande propriedade, à incorporação dos imigrantes e de nacionais como pequenos proprietários rurais e industriais e fez surgir uma economia baseada na policultura e em atividades urbano-industriais. Ao contrário das cidades do Vale do Paraíba paulista e fluminense – Areias, Bananal, Vassouras, Valença e tantas outras –, Campinas não decaiu, não virou uma “cidade morta”, como consequência da abolição da escravidão e do declínio da economia cafeeira. Ela se reinventou com base nos alicerces institucionais, sociais e econômicos construídos na vigência da economia cafeeira, que foram capazes de se adaptar às novas realidades.

O capítulo está dividido em quatro seções: “Campinas, açucareira e escravista”, que trata da introdução dos engenhos de açúcar e da escravidão em larga escala a partir de fins do século XVIII e início do século XIX; “Campinas, cafeeira e escravista”, que aborda a introdução das fazendas de café a partir dos anos de 1830 e de 1840, a expansão e o início do declínio do café e da crise da escravidão; “Campinas, para além do rural”, que fala dos impactos da economia agroexportadora sobre o movimento dos negócios e da vida no núcleo urbano; por fim, as “Considerações finais”.

### *Campinas, açucareira e escravista*

Campinas nasceu como um bairro pertencente à vila de Jundiá chamada de “Mato Groço”, uma alusão ao meio em que se situava, rodeado por uma vegetação bastante densa, árvores robustas, jequitibás-rosa, perobeiras, jatobás enormes e a Mata Atlântica. Em meio à mata impenetrável, havia três clareiras ou campinhos, onde os tropeiros e os viajantes, que seguiam para a região das minas de Goiás, faziam seu pouso e colocavam a tropa de muaras a pastar, para seguir viagem no dia seguinte. O caminho geral dos Goiases fora aberto por volta de 1722. As primeiras sesmarias começaram a ser concedidas, mas o pequeno povoamento fora feito pela simples posse, pois a solicitação formal de sesmaria era dispendiosa e poucos dispunham de recursos.